

CONVERGÊNCIAS E DIFERENÇAS CULTURAIS NAS SOCIEDADES PLURIÉTNICAS EM SITUAÇÃO PÓS-COLONIAL

Magdala França Vianna

UFF

Quando se comemoram quinhentos anos do processo de expansão ocidental, faz-se necessário verificar como a existência de convergências e diferenças culturais nas sociedades pluriétnicas em situação pós-colonial atua sobre a representação política de núcleos de resistência ao apagamento do patrimônio de saberes e fazeres de sociedades excluídas dos centros de poder.

Uma análise dos nacionalismos surgidos dos processos de descolonização torna visível, nos povos emergentes desse contexto em épocas diferenciadas, um confronto entre o desejo de resgatar e afirmar uma continuidade histórica e a compulsão para ingressar na modernidade de seu tempo. Segundo os cânones de uma cultura política vigente até então, o resgate do continuum histórico incide diretamente sobre a legitimação da soberania nacional, e o ingresso na modernidade instaura a possibilidade de participação na competitividade de mercado. No momento em que se faz uma revisão do equilíbrio de forças na circulação dos recursos econômicos entre os centros hegemônicos do sistema mundial, essa tensão é o pano de fundo das atuais políticas de naturalização do social e do político.

Um estudo da historiografia e das práticas políticas das sociedades pós-coloniais mostra a recusa do Estado em considerar o tempo como dimensão onde se organizam os jogos políticos. Essa é uma característica própria do nacionalismo promovido pelo Estado. O divórcio entre as memórias sociais e a historiografia difundida pelos media oficiais traduz-se pela imposição do esquecimento. Isso significa que o consenso visado é trabalhado em muito pouco tempo, inviabilizando toda a negociação que o esquecimento forçado pela situação colonial havia estimulado, favorecendo a emergência da consciência histórica. O esquecimento imposto, entretanto, paradoxalmente reforçou diversas memórias e o determinismo do processo histórico, ancorado no par classe-raça, não conseguindo fazer acreditar a classe como objeto político natural do sistema de representações sociais, vem incidindo sobre a questão étnica. Os regimes coloniais tiveram mais sucesso com o investimento no conceito de raça, à medida que a idéia do caráter natural da identidade coletiva étnica, transmitida pela via da filiação, tornou-se o elemento central de estruturação das forças políticas em competição com os recursos, cujo acesso o Estado controla. Nos dois casos, a dúvida sobre a natureza do sucesso ou do fracasso persiste, uma vez que as demagogias políticas centradas na classe ou na raça parecem não ter impacto real senão sobre os discursos e as práticas no âmbito de um espaço estatal. A consciência de que a classe constitui uma clivagem de acesso ao poder e aos recursos provocou nas culturas populares urbanas de várias sociedades pós-coloniais um comportamento compulsivo na busca do essencialismo identitário atrelado às memórias, muitas vezes congeladas em um espaço significativo de tempo. A fim de proteger grupos e comunidades do totalitarismo do historicismo ideológico do regime colonial ou o do socialismo real, as memórias muitas vezes deixaram de constituir processos culturais para se tornarem relíquias.

As sociedades que giram em torno de suas tradições, arquivadas em textos, artefatos e imagens, presumivelmente herdadas de seus ancestrais, trabalham sua continuidade histórica recuperando uma cadeia de atos necessários que supõe a existência de verdadeiros e falsos atores sociais e políticos. Há sociedades que herdaram o patrimônio de saberes e fazeres em virtude dos direitos "naturais" de nascimento e de filiação, também

há as que usurpam essa herança ou ainda as que a negam. Considerando-se essas categorias, a contaminação da herança cultural acumulada significaria, de um dado ponto de vista, uma perda de identidade e o risco de dilapidação do patrimônio. Assim, a experiência do tempo seria uma resistência ao tempo, uma luta para preservar intacta a herança ancestral. O tempo é vivido como obstáculo a superar, no esforço de preservação dessa herança, uma vez que as mudanças instauram o risco de enfraquecimento da identidade e de dissolução da sociedade sob o efeito do tempo. Trazer o passado preservado ao presente seria uma tentativa de anulação do efeito do tempo. Para outras, entretanto, o tempo é uma experiência do vir-a-ser social e a sociedade estrutura-se em um processo permanente de tomada de consciência coletiva e de construção de seu patrimônio cultural. Nesse contexto, a tradição perde sua especificidade e é vivida apenas como um dos componentes da cultura, alimentada por diversas mestiçagens com sociedades tanto contemporâneas como ancestrais, próximas e distantes, ou seja, em situação transterritorial.

É, portanto, nesse processo que se coloca a questão das convergências e diferenças culturais e sua dimensão política. A diferença, que tem sua fonte em uma distinção culturalmente dada, assegura a possibilidade de comunicação e torna possível o político, uma vez que uma comunidade, concebida como unidade perfeita de indivíduos idênticos em um sistema de auto-gestão, não teria necessidade do outro nem possibilidade de comunicação com o outro. Se a realidade política de uma comunidade estrutura-se em torno de uma representação sócio-cultural que lhe confere especificidade, no sistema contemporâneo das representações, uma representação é relativa em relação a outras, em relação à dos outros. Sendo assim, a discussão sobre os conceitos (entre outros que incluem a questão da convergência e das diferenças culturais) de classe, raça, etnia, e sua constituição em atores políticos virtuais a serviço dos mecanismos ideológicos de poder constitui-se em um pertinente objeto de pesquisa.

Este trabalho situa-se, pois, no âmbito dessa reflexão, e busca, na análise das narrativas de Patrick Chamoiseau (Martinica) e Ariano Suassuna (Pernambuco), avaliar a extensão desse construto teórico no processo de identificação cultural de sociedades pluriétnicas em situação pós-colonial sob novas formas de imperialismo, ainda que menos visíveis. A opção pela região do Grande Caribe baseia-se nos conceitos de região que Édouard Glissant desenvolve em *Introduction à une poétique du divers*: "Ce que je vois, aujourd'hui, c'est que les continents 's'archipélisent', du moins du point de vue d'un regard extérieur. Les Amériques s'archipélisent, elles se constituent en régions par-dessus les frontières nationales. Et je crois que c'est un terme qu'il faut rétablir dans sa dignité, le terme de *région*. L'Europe s'archipélise. Les régions linguistiques, les régions culturelles, par-delà les barrières des nations, sont des îles, mais des îles ouvertes, c'est leur principale condition de survie" (GLISSANT, 1996, p. 44). Trata-se ainda de discutir políticas culturais e construir sobre o assunto uma abordagem teórica clara e científica, articulando conceitos, como a negritude de Aimé Césaire, a criouliização de Édouard Glissant, a criouliidade de Patrick Chamoiseau, Raphaël Confiant e René Depestre, a transculturação de Fernando Ortiz e Angel Rama, o hibridismo de Nestor García Canclini, a antropofagia de Oswald de Andrade, a mestiçagem de Gilberto Freire, o tropicalismo de 68 e o armorialismo de Ariano Suassuna, que pontuam a discursividade latino-americana em busca de sua função na sociedade ocidental.

Bibliografia:

- ANDRADE, Oswald. *Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias: manifestos, teses de concursos e ensaios*. In: *Obras Completas VI*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- APPIAH, Kwame Anthony. *Na casa de meu pai*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris: Gallimard, 1989.
- BHABHA, Homi (org). *Nation and narration*. London: Routledge, 1993.
- _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.
- BUARQUE DE HOLANDA, Sérgio. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional - USP, 1969.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Grijalbo, 1990.
- DEPESTRE, René. *Bonjour et adieu à la négritude. (Suivi de Chemins d'identité)*. Paris: Robert Laffont, 1980.
- _____. *Problemas de identidad del hombre negro en las literaturas antillanas*. Havana: Casa de las Américas, n° 53, março/abril, 1969.
- FANON, Frantz. *Peau noire masques blancs*. Paris: Seuil, 1952.
- _____. *Les damnés de la terre*. Paris: La Découverte, 1985.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e senzala*. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/INL-MEC, 1980.
- G.E.R.E.C.: *Espace créole. Revue annuelle, publiée en co-édition avec le C.U.A.G.* n° 4. Paris: Éd. Caribéennes, 1987.
- GLISSANT, Édouard. *Le discours antillais*. Paris: Seuil, 1981.
- _____. *Introduction à une poétique du divers*. Paris: Gallimard, 1996.
- _____. *Poétique de la relation*. Paris: Gallimard, 1990.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MEMMI, Albert. *L'homme dominé*. Paris: Gallimard, 1968.
- _____. *Portrait du colonisé précédé de Portrait du colonisateur*. Paris: Gallimard, 1985.
- MÉNIL, René. *Tracées: identité, négritude, esthétique aux Antilles*. Paris: Robert Laffont, 1981.
- ORTIZ, Fernando. *Contrapunteo del tabaco y del azúcar*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.
- PRICE-MARS, Jean. *Ainsi parla l'oncle*. Port-au-Prince: Imprimeur II, 1998.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo: Iluminuras/EDUSP/FAPESP, 1995.